



A INFLUÊNCIA DA ESCOLARIDADE E DO SEXO/GÊNERO NO USO VARIÁVEL DA CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL

Alexandre Monte

(SoLAR)

xmonte@uol.com.br

X

Resumo: Neste texto, retomamos os resultados obtidos com as variáveis escolaridade e sexo/gênero em duas pesquisas sociolinguísticas com dados da cidade de São Carlos/SP/Brasil. Estudamos o uso variável da concordância verbal de terceira pessoa do plural com base nos princípios teóricos e metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994, 2001, 2003). Nas duas pesquisas, as variáveis sociais escolaridade e sexo/gênero se mostraram estatisticamente significativas.

Palavras-chave: Concordância verbal. Variação. Escolaridade. Sexo/Gênero.

X

O autor:

Professor de Língua Portuguesa na cidade de São Carlos/SP e membro do Núcleo de Pesquisa em Sociolinguística de Araraquara.

Agradecimento:

Agradeço à Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck, orientadora das minhas pesquisas (MONTE, 2007, 2012), pelos ensinamentos e diálogos enriquecedores.

Como citar este artigo:

MONTE, A. A influência da escolaridade e do sexo/gênero no uso variável da concordância verbal de terceira pessoa do plural. **Revista Diálogos**. v. 7, n. 1, 2019.

1 Introdução

A proposta deste trabalho é mostrar a influência das variáveis escolaridade e sexo/gênero na variação da concordância verbal de 3ª pessoa do plural do português falado da cidade de São Carlos/SP/Brasil.

No Brasil, a variação da concordância verbal de 3ª pessoa do plural começou a ser estudada por Lemle e Naro (1977) e, desde então, realizaram-se muitas pesquisas em diversas comunidades de fala de nosso país. Nos trabalhos analisados do Brasil, pudemos constatar que é possível correlacionar a aplicação variável de concordância entre sujeito/SN e verbo tanto a fatores internos (linguísticos), quanto a fatores externos (sociais). Os exemplos abaixo ilustram a realização variável da concordância, foco do presente trabalho:

- (1) os professor tá falando comigo eu tô viajando (M2)
- (2) e muitos traficante tão até hoje aí né?... (F1)

Neste trabalho, apresentamos os resultados obtidos em dois estudos sociolinguísticos realizados na cidade de São Carlos/SP/Brasil (MONTE, 2007, 2012), destacando dois fatores sociais que se mostraram muito relevantes na variação da concordância verbal: a escolaridade e o sexo/gênero.

2 Pressupostos teóricos

Realizamos nossos estudos com base nos princípios teóricos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994, 2001, 2003). Para esse modelo, a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental e os fenômenos de variação são condicionados tanto por fatores internos à estrutura linguística quanto por fatores extralinguísticos, de natureza social.

Incorporando a variação na descrição e na teoria linguísticas, Labov (1972, 1994, 2001, 2003) introduz alguns conceitos de extrema importância para a pesquisa sociolinguística. Segundo o autor, todo sistema linguístico é dotado de um conjunto de regras que não podem ser violadas, sob pena de dificultar ou mesmo inviabilizar a compreensão dos enunciados. A esse conjunto de leis internas, costuma-se dar o nome de ‘regras categóricas’ (i.e. regras linguísticas que sempre se aplicam). Mas, além das ‘regras categóricas’, existem as ‘regras semicategóricas’ e as ‘regras variáveis’ (i.e. regras que se aplicam de modo variado).

A concordância verbal no português do Brasil, por exemplo, constitui precisamente uma ‘regra variável’ que abrange duas ‘variantes’: a presença ou a ausência de marca de plural no verbo.

2.1 Variáveis externas (condicionadores extralinguísticos)

Os condicionadores, em um caso de variação, são os fatores que regulam, que condicionam nossa escolha entre uma ou outra variante. [...] Eles são divididos em dois grandes grupos, em função de serem mais ligados a aspectos internos da língua ou externos a ela. No primeiro caso, são também chamados de condicionadores linguísticos. [...] No segundo caso, são também chamados de condicionadores extralinguísticos. (COELHO, GÖRSKI, SOUZA e MAY, 2015, p. 20)

Em qualquer comunidade de fala, independentemente de seu tamanho, há uma variação considerável entre os indivíduos: as mulheres não falam como os homens, os avós falam de modo diferente dos filhos e dos netos, e assim por diante. Mesmo os indivíduos considerados em sua singularidade não estão limitados a uma única variedade da língua. Sabemos que a rede social de um indivíduo, constituída pelas pessoas com quem esse indivíduo interage nos diversos domínios sociais, também é um fator determinante das características de seu repertório sociolinguístico.

Das possíveis variáveis externas (condicionadores extralinguísticos de natureza social) pertinentes ao estudo da variação, as que mais têm sido discutidas são: o estilo de fala, o sexo/gênero, a idade, a escolaridade, a profissão, a classe social, a região ou zona de residência e a procedência do falante.

Apresentamos, a seguir, breves considerações sobre as variáveis escolaridade e sexo/gênero, abordadas no presente trabalho.

2.1.1 Escolaridade

Parece comumente aceita entre os linguistas brasileiros a ideia de que o grau de escolaridade é um bom indicador para ajudar a esclarecer as diferenças entre o português padrão e o português popular. Segundo Oliveira e Silva & Paiva (1996, p.343), “em países em que a escolarização não é apanágio das(s) classe(s) mais favorecidas(s), é a variável classe social que tem preferentemente servido de marcador”.

Para Rodrigues (1987), o baixo nível de escolaridade é decisivo para a identificação dos usuários de uma variedade popular de língua falada. Mas a pesquisadora salienta que, ao postular a existência de um segmento populacional urbano caracterizado por um baixo nível de escolaridade, não está omitindo outros atributos sociais que caracterizam esse grupo sociolinguístico popular.

A mesma ideia também permeia o trabalho de Bortoni-Ricardo (2008 [1981], p. 374-375) quando afirma ter usado, como indicador de classe social, o nível escolar, pois ele reflete outras variáveis de ordem social e econômica. De acordo com a pesquisadora, temos “falta de estudos sociológicos que apresentem uma estratificação da população da cidade – problema, aliás, com que se defrontam sempre as pesquisas sociolinguísticas no Brasil”.

Oliveira e Silva & Paiva (1996), apresentando os condicionamentos extralinguísticos segundo resultados de diversos estudos, concluem:

De tudo o que vimos, as evidências apontam, por conseguinte, para um papel não trivial da escola pública na compleição linguística dos indivíduos. Com efeito, seja direta seja indiretamente, a participação da escola acaba sendo decisiva na modificação do comportamento linguístico.

Portanto, em vez de minimizar o efeito da escolarização no uso da língua, cabe analisar criticamente a interferência decisiva da escola na configuração linguística da comunidade. (OLIVEIRA e SILVA & PAIVA, 1996, p. 350).

2.1.2 Sexo/gênero

Segundo Paiva (2004), a primeira referência à correlação entre variação linguística e o fator sexo/gênero se encontra em Fischer (1974 [1958]) em um estudo intitulado *Social Influences on the Choice of a Linguistic Variant*.

Labov (2001) retoma o papel importante das mulheres nos processos de variação e mudança linguística e discute o ‘paradoxo do gênero’. Conforme o tipo de mudança, as mulheres apresentam um comportamento diferente. De acordo com Paiva (2004, p. 36), no estudo da correlação entre sexo/gênero e mudança linguística, um aspecto a considerar é o valor social da variante inovadora.

Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada [...], as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança do processo. (PAIVA, 2004, p. 36).

Para Labov (2006 [2001], p. 402-403):

Dada la interacción muy general de los papeles sexuales con la clase social, no puede haber duda de que la ruta por la cual esta categorización afecta al lenguaje se ve mediada por los factores sociales. Los efectos debidos a los papeles sexuales toman también diferentes formas con diferentes tipos de cambios: las variables sociolingüísticas estables, el cambio desde arriba o el cambio desde abajo. Si el papel sexual está como factor social íntimamente involucrado con el cambio lingüístico, es difícil limitar los factores sociales a los efectos mecánicos de los patrones comunicativos o a las catástrofes remotas, y uno se ve inevitablemente conducido a la exploración de otros factores sociales. (LABOV, 2006 [2001], p. 402-403).

Em relação aos fenômenos de variação estável, estudos sociolinguísticos normalmente verificam que as mulheres tendem a se aproximar mais da variedade padrão do que os homens.

Por que os homens e as mulheres desempenham um papel distinto nos fenômenos de variação e mudança linguística? Para Chambers e Trudgill (1994 [1980]), não há uma explicação única, ou uma que seja amplamente aceita. Os autores vão apontar alguns fatores, como:

[...] las mujeres siguen teniendo menos oportunidades para triunfar, y marcan, por tanto, su estatus social por su apariencia y comportamiento (también lingüístico) más que por lo que hacen. [...] El mayor papel que las mujeres han tenido tradicionalmente en la socialización de los niños las lleva a ser más sensibles a las normas del comportamiento “aceptado”. [...] (CHAMBERS e TRUDGILL, 1994 [1980], p. 133-134).

Freitag (2015) propõe (re)discutir a variável sexo/gênero nos estudos sociolinguísticos brasileiros. A pesquisadora mostra que “o cenário dos papéis da mulher na sociedade, hoje, é bem diferente do que era ao início da década de 1980, quando se começaram a plantar as primeiras sementes sociolinguísticas no Brasil [...]” (p. 21). Dessa forma, ela chama a atenção das pesquisas sociolinguísticas no Brasil que continuam se apoiando apenas nas “hipóteses clássicas” sobre o sexo/gênero. Para Freitag (2015, p. 22):

Parece ser contraditório ter “hipóteses clássicas” em uma ciência que se propõe ser interdisciplinar com foco em relações dinâmicas, como a sociedade e a língua, principalmente num campo que tem mostrado tendências de abordagem distintas como é o caso do campo em exame, perpassando por rótulos diferenciados, como sexo, feminismo e gênero. (FREITAG, 2015, p. 22).

3 Procedimentos metodológicos

Realizamos as duas pesquisas com a língua falada da cidade de São Carlos, localizada no interior do Estado de São Paulo (MONTE, 2007, 2012).

Os dois *corpora* compõem-se de entrevistas sociolinguísticas informais de aproximadamente uma hora de duração entre informante e documentador.

No estudo de 2007, submetemos os dados ao programa Goldvarb 2001 e, no trabalho de 2012, submetemos os dados ao programa Goldvarb-X, considerando percentuais e pesos relativos. Esses programas estatísticos realizam uma análise multivariada (TAGLIAMONTE, 2006, 2007)¹ e são versões para ambiente *Windows* do pacote de programas computacionais denominado *Varbrul* (PINTZUK, 1988; SANKOFF, 1988).

Em nosso trabalho de Mestrado (MONTE, 2007), analisamos a variação na concordância verbal de 3ª pessoa do plural na fala de 20 pessoas residentes numa comunidade da periferia urbana de São Carlos. Fizemos as entrevistas com jovens e adultos de 20 a 40 anos, de ambos os sexos/gêneros, de procedência geográfica diversificada, diferenciados, também, com relação ao grau de escolarização: 10 não alfabetizados e 10 concluintes do ensino fundamental na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Já na investigação de 2012 (MONTE, 2012), o *corpus* compõe-se de 18 entrevistas. Trabalhamos com seis células, sendo cada célula formada de três informantes, estratificados em função do sexo/gênero e da escolaridade. São três homens e três mulheres não alfabetizados, três homens e três mulheres que estavam terminando o ensino fundamental na EJA e três homens e três mulheres que estavam terminando o ensino médio regular.

Abaixo, temos a distribuição dos informantes segundo escolaridade e sexo/gênero nos dois *corpora*:

| Corpus de 2007 | | | |
|--------------------------|--------|----------|-------|
| | Homens | Mulheres | Total |
| Não alfabetizados | 5 | 5 | 10 |
| Ensino Fundamental – EJA | 5 | 5 | 10 |
| Total | 10 | 10 | 20 |

| Corpus de 2012 | | | |
|-----------------------|--|--|--|
|-----------------------|--|--|--|

¹ Guy e Zilles (2007) explicam o que é uma análise multivariada: “A análise se chama ‘multivariada’ porque permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes. A investigação mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente”. (GUY e ZILLES, 2007, p. 105).

| | Homens | Mulheres | Total |
|--------------------------|--------|----------|-------|
| Não alfabetizados | 3 | 3 | 6 |
| Ensino Fundamental – EJA | 3 | 3 | 6 |
| Ensino Médio | 3 | 3 | 6 |
| Total | 9 | 9 | 18 |

Os quadros que apresentamos a seguir resumem as características dos nossos informantes:

| <i>Corpus de 2007</i> | | | | |
|-----------------------|-------------|-------|--------------------------|--------------------------|
| Informante | Sexo/Gênero | Idade | Escolaridade | Procedência |
| M | F | 30 | não alfabetizada | São Carlos / SP |
| N | F | 35 | não alfabetizada | Monte Alto / SP |
| I | F | 34 | não alfabetizada | São José de Piranha / PB |
| E | F | 27 | não alfabetizada | Arapiraca / AL |
| L | F | 25 | não alfabetizada | São Carlos / SP |
| S | M | 31 | não alfabetizado | São Benedito do Sul / PE |
| J | M | 31 | não alfabetizado | Bernardo Vieira / PE |
| G | M | 29 | não alfabetizado | Tamboril / CE |
| D | M | 35 | não alfabetizado | Rinópolis / SP |
| C | M | 35 | não alfabetizado | União dos Palmares / AL |
| H | F | 27 | Ensino Fundamental – EJA | Morro do Chapéu / BA |
| Z | F | 23 | Ensino Fundamental – EJA | Manhuaçu / MG |
| P | F | 38 | Ensino Fundamental – EJA | Alto Piquiri / PR |
| W | F | 22 | Ensino Fundamental – EJA | Catende / PE |
| R | F | 34 | Ensino Fundamental – EJA | Tanabi / SP |
| A | M | 22 | Ensino Fundamental – EJA | Ortigueira / PR |
| T | M | 38 | Ensino Fundamental – EJA | Rubelita / MG |
| B | M | 27 | Ensino Fundamental – EJA | Faxinal / PR |
| V | M | 30 | Ensino Fundamental – EJA | Canindé / CE |
| O | M | 35 | Ensino Fundamental – EJA | Sarutaíá / SP |

| <i>Corpus de 2012²</i> | | | |
|-----------------------------------|-------------|---------|--------------------------|
| Informante | Sexo/Gênero | Idade | Escolaridade |
| Z | F | 54 anos | não alfabetizada |
| I | F | 66 anos | não alfabetizada |
| P | F | 72 anos | não alfabetizada |
| T | M | 38 anos | não alfabetizado |
| B | M | 58 anos | não alfabetizado |
| R | M | 59 anos | não alfabetizado |
| S | F | 36 anos | Ensino Fundamental – EJA |

² Os informantes do *corpus* de 2012 são naturais de São Carlos ou moradores da cidade desde crianças.

| | | | |
|---|---|---------|--------------------------|
| U | F | 42 anos | Ensino Fundamental – EJA |
| E | F | 44 anos | Ensino Fundamental – EJA |
| C | M | 31 anos | Ensino Fundamental – EJA |
| L | M | 45 anos | Ensino Fundamental – EJA |
| O | M | 46 anos | Ensino Fundamental – EJA |
| A | F | 17 anos | Ensino Médio |
| J | F | 17 anos | Ensino Médio |
| M | F | 18 anos | Ensino Médio |
| V | M | 17 anos | Ensino Médio |
| H | M | 17anos | Ensino Médio |
| G | M | 18 anos | Ensino Médio |

A cidade de São Carlos localiza-se no centro geográfico do Estado de São Paulo³. De acordo com o Censo 2010 do IBGE⁴, a população de São Carlos é de 221.950 habitantes, sendo 213.061 na área urbana e 8.889 na área rural. São 108.914 homens e 113.036 mulheres.

A cidade destaca-se como centro regional tecnológico e industrial. A atividade universitária é intensa e, devido à presença, principalmente, de duas instituições públicas de ensino superior estabelecidas na cidade, a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), é grande a atividade de pesquisa e a concentração de cientistas no município.

O Censo 2010 do IBGE revela que a taxa de analfabetismo em São Carlos é de 3,46%. A cidade possui 6.751 pessoas não alfabetizadas de 10 anos ou mais de idade.

4 Resultados

No trabalho de 2007, do total de 1.000 ocorrências estudadas no nosso *corpus*, 753 (75%) não apresentaram a marca formal de plural nos verbos, sendo que apenas 247 (25%) trouxeram a marca formal de plural⁵. O programa Goldvarb 2001 selecionou, na ordem de relevância, os seguintes grupos de fatores: **saliência fônica**, **paralelismo formal no nível oracional**, **presença/ausência do ‘que’ relativo**, **escolaridade** e **sexo/gênero**.

³ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Estado de São Paulo conta com 645 municípios. A população do Estado de São Paulo, segundo o Censo 2010, é de 41,2 milhões de habitantes. No Brasil, os primeiros resultados definitivos, divulgados em novembro de 2010, apontaram uma população formada por 190.732.694 pessoas. Esses dados estão disponíveis em: www.ibge.gov.br.

⁴ Dados obtidos do site www.ibge.gov.br.

⁵ A categoria de sujeito posposto (20 ocorrências no nosso *corpus*), da variável *posição e distância do sujeito em relação ao verbo*, apresentou 100% de não concordância. Como o programa que gera o cálculo do peso relativo não trabalha com fatores sem variação, quando temos *knockout*, foi necessário “eliminar” essas ocorrências. Portanto, as tabelas apresentadas estão com 980 dados.

A amostra de 2012 compõe-se de 1.422 ocorrências de 3ª pessoa do plural, com 686 ocorrências (48,2%) apresentando a marca formal de plural nos verbos e 736 (51,8%) ocorrências sem a marca formal de plural nos verbos. O programa Goldvarb-X selecionou, na ordem de relevância, os seguintes grupos de fatores: **escolaridade**, saliência fônica, tipo estrutural do sujeito/SN, paralelismo formal no nível oracional, **sexo/gênero**, posição do sujeito/SN em relação ao verbo, traço semântico do sujeito/SN, tipo de verbo (verbo ‘ser’ *versus* outros verbos) e distância entre o sujeito/SN e o verbo em número de sílabas.

A variável social sexo/gênero foi selecionada, no estudo de 2012, em quinto lugar pelo programa Goldvarb-X.

Tabela 1: Frequência e peso relativo de concordância verbal conforme o sexo/gênero no *corpus* de 2012.

| Fatores | Frequência | PR |
|----------------------|-------------------|-----------|
| – masculino | 323/708 = 45,6% | 0,410 |
| – feminino | 363/714 = 50,8% | 0,589 |
| Total | 686/1.422 = 48,2% | Range 179 |
| <i>Input:</i> 0,466 | | |
| Significância: 0,042 | | |

A hipótese estabelecida confirmou-se, pois as mulheres da nossa amostra demonstraram mais sensibilidade à variante de prestígio. Os homens empregaram menos as marcas de plural nos verbos (0,410) do que as mulheres (0,589).

Em nosso estudo anterior com outras 20 pessoas residentes numa comunidade da periferia urbana da cidade de São Carlos (MONTE, 2007), a variável sexo/gênero também obteve significância estatística. A tabela 2 traz os resultados obtidos nos dois *corpora*:

Tabela 2: Frequência e peso relativo de concordância verbal conforme o sexo/gênero no *corpus* de 2012 e no *corpus* de 2007.

| Fatores | Frequência de concordância | | | |
|-------------|----------------------------|-------|-----------------------|------|
| | <i>Corpus</i> de 2012 | | <i>Corpus</i> de 2007 | |
| | Frequência | PR | Frequência | PR |
| – masculino | 323/708 = 45,6% | 0,410 | 121/488 = 25% | 0,45 |
| – feminino | 363/714 = 50,8% | 0,589 | 126/492 = 26% | 0,55 |
| Total | 686/1.422 = 48,2% | | 247/980 = 25% | |

A variável foi selecionada nos nossos dois estudos (MONTE, 2007, 2012) e muitas pesquisas sociolinguísticas já comprovaram a atitude mais conservadora das mulheres, quando estão em jogo uma variante de prestígio e uma variante não prestigiada.

Em relação à concordância verbal de 3ª pessoa do plural, várias são as pesquisas com dados do PB que evidenciam a preferência feminina pela variante padrão (SCHERRE e NARO, 1998; PEREIRA, 2004;

GAMEIRO, 2005, 2009; RUBIO, 2008, 2012; entre outras). No entanto, como bem alerta Freitag (2015, p. 39), “toda generalização é perigosa” e “mais perigosas ainda são as generalizações feitas a partir de resultados de sexo/gênero nos estudos sociolinguísticos brasileiros”. Segundo Freitag (2015, p. 41):

Considerando que a margem de significância com que a Sociolinguística trabalha, a exemplo das demais ciências humanas e sociais, é de 0,05, os resultados no intervalo entre 0,45 – 0,55 estão dentro da margem de erro, o que não permite uma generalização segura e abrangente sobre a tendência do resultado. No entanto, não é o que acontece. (FREITAG, 2015, p. 41).

Como podemos observar, nos nossos dois trabalhos, principalmente no de 2007, os pesos relativos ficaram muito próximos do ponto neutro (0,5). Dessa forma, temos de ter uma postura moderada ao interpretar esses resultados.

A variável escolaridade foi a que se mostrou mais relevante na análise estatística realizada no estudo de 2012, sendo a primeira selecionada pelo programa Goldvarb-X. Os resultados, expostos na tabela 3, são bastante significativos:

Tabela 3: Frequência e peso relativo de concordância verbal de acordo com o grau de escolaridade do informante no *corpus* de 2012.

| Fatores | Frequência | PR |
|----------------------------|-------------------|-----------|
| – não alfabetizados | 89/464 = 19,2% | 0,148 |
| – ensino fundamental (EJA) | 192/480 = 40,0% | 0,351 |
| – ensino médio | 405/478 = 84,7% | 0,910 |
| Total | 686/1.422 = 48,2% | Range 762 |
| <i>Input:</i> 0,466 | | |
| Significância: 0,042 | | |

Além de ser a variável selecionada em primeiro lugar, apresenta o *range* mais alto da análise (762)⁶. De acordo com as nossas expectativas, constatamos que quanto maior a escolaridade, maior é a frequência de concordância. Fica evidente que a influência normativa da escola acaba tendo um papel importante na aquisição da variedade padrão de concordância.

Chama muito a atenção a diferença marcante entre os dois extremos dos fatores. A diferença em termos de frequência é de 65,5 pontos percentuais e, como já salientamos, de 762 em termos de peso relativo.

Os estudantes concluintes do ensino fundamental na EJA revelam um baixo percentual de frequência de concordância na fala informal (40%). Comparando esse grupo com o de jovens do ensino médio, a diferença ainda é bastante grande: 44,7 pontos percentuais em termos de frequência e 559 em termos de peso relativo.

⁶ “O *range* é calculado pela diferença entre o peso relativo mais alto e o peso relativo mais baixo. Quando estes números são comparados para cada grupo de fatores em uma análise, o valor maior (o *range*) identifica a restrição mais forte. [...] O *range* (ou a magnitude do efeito) nos permite situar um grupo de fatores em relação a outro”. (TAGLIAMONTE, 2006, p. 242, tradução Naro e Scherre, 2010).

A distância fica um pouco menor, mas ainda assim significativa, entre os estudantes da EJA e os não alfabetizados da nossa amostra: 20,8 pontos percentuais em termos de frequência e 203 em termos de peso relativo.

Os nossos resultados mais recentes corroboram os da nossa pesquisa anterior (MONTE, 2007)⁷. Para uma comparação efetiva, eliminamos da amostra de 2012 o grupo de jovens do ensino médio e realizamos uma rodada no programa Goldvarb-X, pois no estudo anterior trabalhamos somente com os outros dois grupos de escolaridade. A tabela seguinte traz os resultados das duas amostras da cidade de São Carlos:

Tabela 4: Frequência e peso relativo de concordância verbal de acordo com o grau de escolaridade do informante no *corpus* de 2012 e no *corpus* de 2007.

| Fatores | Frequência de concordância | | | |
|----------------------------|----------------------------|-------|-----------------------|------|
| | <i>Corpus</i> de 2012 | | <i>Corpus</i> de 2007 | |
| | Frequência | PR | Frequência | PR |
| – não alfabetizados | 89/464 = 19,2% | 0,332 | 94/491 = 19% | 0,40 |
| – ensino fundamental (EJA) | 192/480 = 40,0% | 0,663 | 153/489 = 31% | 0,60 |
| Total | 281/944 = 29,8% | | 247/980 = 25% | |

Os índices encontrados nos dois estudos são muito semelhantes. É sabido que os estudantes da EJA (Educação de Jovens e Adultos) têm um tempo reduzido de estudo, visto que a cada seis meses eles concluem uma série. Os informantes dos nossos dois *corpora* eram do curso noturno e todos estavam no último semestre do ensino fundamental (8ª série/9º ano). Não controlamos os anos de escolaridade desses estudantes e tampouco o intervalo de tempo em que ficaram longe da escola, já que cada um deles possui uma experiência de vida muito diferente. De qualquer forma, é possível concluir que a escolaridade, mesmo supletiva, influencia o fenômeno variável de concordância verbal. Continuamos achando muito pertinente a reflexão de Bortoni-Ricardo sem, contudo, deixar de pensar que outras questões referentes ao letramento de uma forma mais ampla contribuem nesse processo.

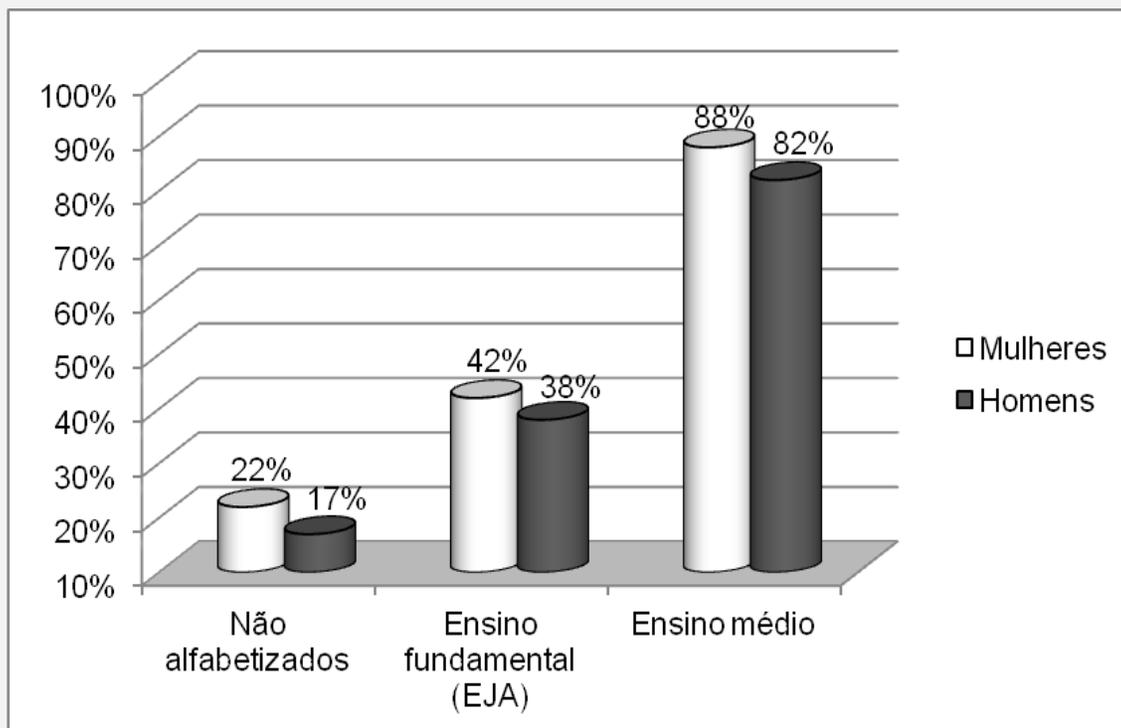
O indivíduo de pouca cultura formal possivelmente só chegará a ter consciência do caráter estigmatizado da concordância não-padrão depois de um período de escolarização e de convívio com o dialeto de classe média urbana. A duração deste período não é possível de se precisar, sem que se proceda a estudos experimentais. **Podemos, porém, prever que esse indivíduo adotará a certa altura de sua formação escolar supletiva as normas de avaliação da classe mais alta, mas tenderá sempre a usar a regra de concordância padrão com menos**

⁷ Vale lembrar que os informantes da pesquisa concluída em 2007 eram de procedência geográfica diversificada, de uma faixa etária de 20 a 40 anos. Das 20 entrevistas realizadas, 9 pessoas eram da região Nordeste e 11 das regiões Sul e Sudeste. Dessas 11, 5 não eram do Estado de São Paulo e apenas 2 eram da cidade de São Carlos. Com uma diferença de apenas 7 pontos percentuais em termos de frequência de concordância verbal entre Nordeste (21%) e Sul/Sudeste (28%), a variável social procedência do informante foi descartada pelo programa, ou seja, não foi estatisticamente significativa.

freqüência, posto que ele a assimilou tardiamente. (BORTONI-RICARDO, 1981, p. 94, grifo nosso).

Com o objetivo de verificar com maior precisão o papel das mulheres e dos homens no uso da regra de concordância verbal, efetuamos o cruzamento dessas duas variáveis sociais que demonstraram significância estatística com os dados de 2012.

Gráfico 1: Percentual de concordância verbal de acordo com o grau de escolaridade e o sexo/gênero do informante no *corpus* de 2012.



A preferência das mulheres pela variante padrão, prestigiada, comparativamente aos homens, é sutilmente confirmada nos três níveis de escolaridade por nós analisados. Observamos o aumento na frequência de concordância conforme aumenta o grau de escolaridade dos nossos informantes. Esse movimento ascendente, no entanto, não anula as diferenças estabelecidas pelo sexo/gênero, revelando que as duas variáveis agem conjuntamente.

5 Considerações finais

A variável sexo/gênero mostra-se relevante nas duas pesquisas com dados da cidade de São Carlos/SP, com as mulheres utilizando mais a forma padrão de concordância do que os homens. Esse resultado já era esperado, pois vários estudos sociolinguísticos revelam que as mulheres usam mais a forma de prestígio, quando

temos uma variante socialmente prestigiada e outra desprestigiada. Contudo, não podemos nos esquecer dos pesos relativos próximos de 0,5. Para avançarmos na discussão, temos de entender melhor o papel das mulheres e dos homens são-carlenses na sociedade em que estão inseridos, analisando a interação com outras variáveis sociais.

Considerando a importância dada por Labov (2001, 2006) à relação entre sexo/gênero e classe social e os diversos momentos da mudança linguística (SCHERRE e YACOVENCO, 2011, p. 141), futuros estudos sociolinguísticos devem levar em consideração essa interação, como já propôs Oushiro (2015). De acordo com Oushiro (2015, p. 164), “o exame do encaixamento social de variáveis por meio de cruzamentos permite uma descrição mais acurada e interpretações mais adequadas a processos de variação linguística”.

Sem dúvida, a variável escolaridade é muito relevante nos estudos sociolinguísticos do uso variável da concordância verbal de 3ª pessoa do plural. Nas nossas pesquisas, vemos nitidamente a crescente frequência de concordância (e os pesos relativos validam a importância da variável) na medida em que aumenta a escolarização.

| | - marcas | | | | | + marcas | | | | |
|------|-------------------|-------------------|-------------|-------|----------|----------|--|--|--|--|
| 2007 | ----- | | | | | | | | | |
| | Não alfabetizados | Fundamental (EJA) | Fundamental | Médio | Superior | | | | | |
| | 19% | 31% | – | – | – | | | | | |
| | ----- | | | | | ----- | | | | |
| 2012 | ----- | | | | | | | | | |
| | Não alfabetizados | Fundamental (EJA) | Fundamental | Médio | Superior | | | | | |
| | 19,2% | 40,0% | – | 84,7% | – | | | | | |

No Brasil, há uma polarização sociolinguística entre diferentes variedades e dentro de uma mesma comunidade. A fala de uma pessoa sem qualquer escolaridade traz muito o cancelamento da marca de plural nos verbos. A escola, por sua vez, acaba tendo um papel fundamental e decisivo na modificação do comportamento linguístico do falante. Sabemos que a concordância verbal é um fenômeno variável no PB que não está imune à estigmatização e que gozam de um prestígio social maior os falantes que a utilizam. Conseqüentemente, é um tópico gramatical que não escapa à atenção normativa da escola.

Referências

BORTONI-RICARDO, S. M. A concordância verbal em português: um estudo de sua significação social. In: COUTO, H. H. (Ed.). **Ensaio de linguística aplicada ao português**. Brasília: Thesaurus, 1981. p. 79-101.

BORTONI-RICARDO, S. M. A concordância verbal em português: um estudo de sua significação social. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (Orgs.). **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 363-380.

- BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 1035-1064, 2012.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGIL, P. **La dialectología**. Traducción Carmen Morán Gonzalez. Madrid: Visor Libros, 1994 [1980].
- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N.; MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- FISCHER, J. L. Influências sociais na escolha de variantes linguísticas. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 87-98. (Coleção Enfoque, 3).
- FREITAG, R. M. K. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Orgs.). **Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015. cap. 1, p. 17-74.
- GAMEIRO, M. B. **A concordância verbal na língua falada da região central do estado de São Paulo**. 2005. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.
- GAMEIRO, M. B. **A variação da concordância verbal na terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio: uma avaliação de fatores linguísticos e sociais**. 2009. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. **Where does the linguistic variable stop?** A response to Beatriz Lavandera. Working papers in sociolinguistics, number 44. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Malden: Blackwell Publishers, 1994. v. 1: Internal factors.
- LABOV, W. **Principios del cambio lingüístico**. Madrid: Gredos, 1996. v. 1: Factores internos.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Malden: Blackwell Publishers, 2001. v. 2: Social factors.
- LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Eds.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Malden: Blackwell Publishing, 2003. p. 234-250.
- LABOV, W. **Principios del cambio lingüístico**. Madrid: Gredos, 2006. v. 2: Factores sociales.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LAVANDERA, B. R. Where does the linguistic variable stop? **Language in Society**, Cambridge, v. 7, p. 171-182, 1978.
- LAVANDERA, B. R. Los limites de la variable sociolingüística. In: _____. **Variación y significado**. Buenos Aires: Librería Hachette, 1984 [1978]. p. 37-46.
- LEMLE, M.; NARO, A. J. **Competências básicas do português**. Relatório final da pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e Fundação Ford. Rio de Janeiro: Mobral, Fundação Ford, 1977.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J. A. A. A concordância verbal. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 331-372.

MONTE, A. **Concordância verbal e variação**: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

MONTE, A. **Concordância verbal e variação**: um estudo descritivo-comparativo do português brasileiro e do português europeu. 2012. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

NARO, A. J.; LEMLE, M. Syntactic diffusion. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 259-268, 1977.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Fluxos e contrafluxos – movimentos sociolinguísticos da comunidade de fala brasileira. In: MOLLICA, M. C. M. (Org.). **Usos da linguagem e sua relação com a mente humana**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. p. 79-90.

OLIVEIRA e SILVA, G. M.; PAIVA, M. C. A. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996. cap. 16, p. 335-378.

OUSHIRO, L. Interação entre sexo/gênero e classe social no uso variável da concordância verbal. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Orgs.). **Mulheres, linguagem e poder**: estudos de gênero na sociolinguística brasileira. São Paulo: Blucher, 2015. cap. 6, p. 151-168.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira [Posfácio]. In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 131-151.

PEREIRA, D. C. **Concordância verbal na língua falada nas trilhas das bandeiras paulistas**. 2004. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PINTZUK, S. **Varbrul programs**. 1988. Mimeografado.

RODRIGUES, A. C. S. **A concordância verbal no português popular em São Paulo**. 1987. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RUBIO, C. F. **A concordância verbal na língua falada na região noroeste do estado de São Paulo**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

RUBIO, C. F. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu**: estudo sociolinguístico comparativo. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.

SANKOFF, D. Variable rules. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. J. (Eds.). **Sociolinguistics**: an international handbook of the science of language and society. Berlin: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-998.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, G. (Org.). **Dialettologia, geolinguística, sociolinguística**. In: CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA, 21., 1998, Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. v. 5, p. 509-523.

SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, L. C. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN**, v. 10, n. 3, p. 121-146, 2011.

TAGLIAMONTE, S. A. **Analysing sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TAGLIAMONTE, S. A. Quantitative analysis. In: BAYLEY, R.; LUCAS, C. (Eds.). **Sociolinguistic variation**: theories, methods and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 190-214.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical Foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Eds.). **Directions for historical linguistics**. Austin-London: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

THE INFLUENCE OF SCHOOLING AND SEX/GENDER ON THE VARIABLE USE OF THIRD-PERSON PLURAL VERBAL AGREEMENT

X

Abstract:

Throughout this text, we retrieve the results obtained with schooling and sex/gender variables in two sociolinguistic surveys with data from the city of São Carlos, state of São Paulo, Brazil. We study the variable use of third-person plural verbal agreement in Portuguese Language based on the theoretical and methodological principles of Theory of Language Variation and Change (WEINREICH, LABOV and HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994, 2001, 2003). In both surveys, the social variables schooling and sex/gender were statistically significant.

Keywords: Verbal agreement. Variation. Schooling. Sex/Gender.

X
